



Texto midiático que não vai à escola não se torna cidadão¹

Lígia Beatriz Carvalho de Almeida²
Universidade do Sagrado Coração

Resumo

O texto oferece reflexões sobre a incorporação das linguagens multimidiáticas nos ambientes formais de ensino como ferramentas de produção textual, indicando a contribuição que essas linguagens podem oferecer ao processo ensino-aprendizagem nos ensinos fundamental e médio. Tem como perspectiva a educação para a comunicação, sem se ater apenas às tensões que caracterizam as relações entre a educação e a comunicação e que, normalmente, conduzem às intervenções educativas sob a forma única de leitura crítica de textos midiáticos no ambiente escolar.

Palavras-chave: Comunicação e educação; educomunicação; linguagem multimídia; linguagem radiofônica; linguagem audiovisual; leitura crítica.

Introdução

O sistema de ensino brasileiro está em crise. Crise pedagógica. Crise econômica. Evidenciada pela constância com que tem sido pautada pela mídia. Entre outros motivos, isso se deve ao fato de que os objetivos traçados, em 1996, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2006), LDB, não têm sido atingidos. Essa constatação foi reiterada pelos resultados de avaliações divulgadas pelo Ministério da Educação. Tanto o resultado obtido em 2006 pelo ENEM, Exame Nacional do Ensino Médio, como o obtido em 2005 pelo SAEB, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, revelam um rendimento insuficiente dos estudantes quanto à assimilação dos conteúdos estipulados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para a base nacional comum do ensino básico. A realidade se aplica ao ensino público e ao privado.

Propostas inovadoras para a reversão desse quadro são necessárias. Uma proposta que vem sendo apresentada para as escolas é a educação para a mídia, ou

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP de Comunicação Educativa;

² Bacharel em rádio e TV pela Escola de Comunicações e Artes da USP; mestre em comunicação midiática pela UNESP Bauru; pesquisadora e docente da Universidade do Sagrado Coração. Atualmente cursando pedagogia na USC. Ex coordenadora de programação da Rádio Educativa Veritas FM. Endereço eletrônico: ligiabeatrizcarvalho@ig.com.br.



educomunicação. É fácil compreender o motivo principal: a mídia opera em sentido oposto aos objetivos da educação escolar, tanto filosófica quanto metodologicamente. Ela tem sido responsabilizada pela introdução de valores e hábitos alienantes na sociedade, que fazem desestabilizar o modelo tradicional de ensino. Tida como o quarto poder de controle social, a comunicação de massa está a serviço de ideologias dominantes. Estimulando o conformismo, não instiga a articulação dos interesses democráticos e coletivos, colidindo, dessa maneira, com os objetivos professados pela LDB, que em seus artigos 32 a 34 compromete-se com o aprimoramento dos educandos como pessoas humanas, zelando pela sua formação ética, pelo desenvolvimento da sua autonomia intelectual, do seu pensamento crítico e da sua capacidade de compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos. Compromete-se, ainda, com o fortalecimento dos vínculos de família, da solidariedade humana e da tolerância. Para atingir tais objetivos é necessário formar um cidadão capaz de manter uma postura crítica face às mensagens midiáticas. Tal é, também, o objetivo da educomunicação.

Neste texto serão ressaltadas as características da educomunicação, assim como, evidenciados os resultados obtidos com sua introdução no ambiente escolar e compartilhadas dificuldades e preocupações.

A educomunicação

A relação entre a influência da mídia e a formação de crianças e jovens vem sendo estudada por diversos pesquisadores. Entre eles, na escola de Frankfurt podemos mencionar Theodor W. Adorno, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. O pedagogo francês Célestin Freinet desenvolveu práticas interessantes e formulou um método para educação dialógica usando o jornal escolar.

A partir de 1920, cines clubes na Europa e na América Latina inspiraram modelos de educação para a mídia na Europa, EUA e Canadá. Evidenciou-se a necessidade da educação para a mídia, que originou, mais recentemente, o uso da expressão letramento midiático, *media literacy*. Humberto Eco, analisando o papel dos críticos da mídia, demonstrou a importância de se praticar a cultura da proposta, fornecendo diversas sugestões de atividades com textos midiáticos.



O termo educomunicação, ainda não dicionarizado, encontra suas raízes teóricas em correntes educativas latino-americanas. Educação e comunicação começaram a se relacionar no campo da educação, aqui no Brasil, na década de 60, com o Movimento de Educação de Base (MEB) liderado pela Igreja Católica, que usava o rádio e o audiovisual para educar membros das comunidades agrícolas. O educador brasileiro Paulo Freire deu incisiva contribuição a partir dos anos 70, ao propor um modelo democrático e dialógico de educação horizontal, o qual também pode ser identificado nos trabalhos de vários teóricos latino-americanos como Jesús Martín-Barbero, Mário Kaplún, Guillermo Orozco-Gómez e Francisco Gutiérrez.

Ismar Soares, pesquisador e fundador do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, propôs o termo educomunicação e vem trabalhando há mais de uma década para caracterizar o uso da comunicação em atividades educativas e formativas no espaço educativo e estabelecer bases teóricas sólidas para a inter-relação comunicação e educação. Para o pesquisador Educomunicação é:

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p. 115).

Em Veet (2004, p.257) a expressão Educomunicação define “ações de cunho pedagógico que têm como objetivo oferecer ferramentas para decodificação e avaliação crítica da mídia [...] por meio da análise e/ou produção de materiais de comunicação, como instrumentos de ensino e de formação de cidadãos”.

A educomunicação possibilita, a meu ver, a formação de um leitor capaz de compreender as estruturas profundas dos textos que o circundam. Estimula a prática da expressão individual e coletiva, por meio da qual se preparam cidadãos críticos, proativos e atuantes em prol da qualidade de vida da comunidade.

Educação para a mídia em espaços de educação formal e informal

Diversos países como Finlândia, Noruega, Dinamarca, Suíça, Alemanha, Itália e Canadá, nos quais se pratica a educação para a mídia, incorporaram essas práticas aos



currículos oficiais das escolas desde 1970³. No entanto, mesmo em países onde isso não ocorre como Grã Bretanha, Austrália, África do Sul, EUA, Argentina e Japão, é possível observar o desenvolvimento de projetos para necessidades específicas e, inclusive, a formação de redes de educação para a mídia.

No Brasil, podemos mencionar instituições e projetos como o Vídeo-Escola (Sorocaba, SP, envolvendo 32 escolas de ensino fundamental), o Educom rádio, TV e jornal do Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (São Paulo, SP, envolvendo 70 escolas de educação básica e que suscitou a promulgação da lei EDUCOM), o Clube do Jornal (CE), a Comunicação e Educação (Recife, PE), o Projeto Bem-Te-Vi (Secretaria da Cultura do Estado de SP), a Secretaria de Comunicação de Bandeirantes (Bandeirantes, PR), a Rádio e TV Escolares (Bauru, SP) e iniciativas de ONGs como o Cala a Boca (São Paulo, SP), a Cipó (Salvador, BA), a Uga-Uga (Manaus, AM), a Rede Interferência (SP), Projeto Luz, Câmera... Paz da Ciranda (Curitiba, PR), a Fundação Hélio Augusto de Souza (FUNDHAS, São José dos Campos), o Cidade Escola Aprendiz⁴ (São Paulo, SP).

A educação para a mídia não é prevista nos currículos oficiais das escolas brasileiras. A Lei de Diretrizes e Base (BRASIL, 2006) coloca como atribuição das unidades escolares fazer com que sejam desenvolvidas as habilidades para a comunicação de seus alunos, capacitando-os para a análise crítica do mundo, conduzindo-os à autonomia intelectual e possibilitando que exercitem plenamente a cidadania. Tais resultados podem ser obtidos nas atividades de educação para a mídia.

Como marco legislativo é digno de menção o protagonismo da cidade de São Paulo. No município, a Lei nº. 13.941 de 28 de dezembro de 2004, instituiu o Programa EDUCOM (SÃO PAULO, 2007), que estabeleceu a obrigatoriedade da promoção da linguagem radiofônica e o incentivo às atividades de televisão comunitária em escolas, centros culturais e atividades implementadas por Secretarias como as da Saúde, Esporte, Meio Ambiente. A Lei Educom abrange o uso educ comunicativo das tecnologias de difusão de informações, privilegiando, porém, o rádio entre elas. Não trata da radiodifusão aberta, comercial ou educativa. Na lei, “uso educ comunicativo” é aquele

³ Para informações mais detalhadas consultar o capítulo “Escola e comunicação no mesmo canal” do livro “**Remoto Controle**: linguagens, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes”, publicado pela ANDI-UNICEF, Petrobrás e Cortez Editora em 2004, sob a coordenação de Veet Vivarta, que traz o resultado de pesquisa quanti-qualitativa elaborada no Brasil em 2003 para entender a importância que a tevê tem na vida do adolescente a partir dos méritos e equívocos de programas desenhados para esse público.

⁴ Mais detalhes em ALVES, R. **Aprendiz de mim**: um bairro que virou escola. Campinas: Papirus, 2004



planejado para ampliar as habilidades e competências comunicativas das pessoas de forma a “favorecer a expressão de todos os membros da comunidade”. Atenção especial tem sido dada ao desenvolvimento de ações de cidadania dirigidas a crianças e adolescentes, bem como a sua incorporação às práticas pedagógicas em relação com os eixos temáticos previstos nos parâmetros curriculares.

Educação e educomunicação: interesses convergentes para a formação do cidadão

Humberto Eco (1976), filósofo e semiótico italiano, propôs o enquadramento dos críticos de mídia em duas categorias: a de apocalípticos, ou a de integrados. Os apocalípticos condenam a reprodutibilidade e, conseqüentemente, todo texto produzido para ser difundido em série, o que ocorre com os textos midiáticos. Partindo dessa premissa os apocalípticos não se dão ao trabalho analisá-los, condenando-os em primeira instância ao abandono intelectual. Por outro lado, os integrados os aceitam integralmente. Entitulando-se homens do seu tempo agarram-se aos possíveis aspectos positivos das mensagens sem, no entanto, manter a adequada postura crítica para com eles. Eco aponta os prejuízos advindos de se assumir qualquer uma das posições e ressalta a importância de não se prender a conceitos pré-concebidos. Ao considerarmos a aceitação das atividades educacionais no ambiente escolar nos deparamos com situação semelhante, existem educadores apocalípticos e integrados. Os alunos, contudo, são sempre integrados quando a proposta é analisar textos midiáticos.

Analisemos as chances dos textos midiáticos freqüentarem as salas de aula. Os professores apocalípticos os deixam em casa. Entre os potencialmente integrados, muitos não se sentem suficientemente preparados para analisá-los criticamente em suas aulas, afinal sua formação profissional não contemplou o desenvolvimento dessa habilidade⁵. Há ainda, os que mesmo se sentindo capazes encontram dificuldades de ordem tecnológica para reproduzi-los, principalmente com textos multimídia. Como gravar os programas de rádio e tv? Como lidar com os cabos, botões e controles remotos dos equipamentos que os reproduzem e que nunca funcionam como deveriam? Como garantir que uma classe com tantos alunos visualize apenas um monitor de tv? E

⁵ Adilson Citelli coordenou uma pesquisa junto a docentes que revelou que 91,82% deles, para trabalhar com as linguagens dos meios de comunicação, sentem necessidade de receber apoio com materiais ou cursos. Eles revelam “dificuldades e limites para se operar com as linguagens de agregação, quer dizer, aqueles discursos para os quais os professores não foram preparados ao longo de sua formação” (2000, p.30).



a sala de informática, então? Os computadores não entram em rede, necessitam de configurações e sofrem incompatibilidades. Finalmente, há os professores que, usando de criatividade, driblam as dificuldades e debatem com seus alunos não só os textos, mas as condições em que os mesmos foram enunciados. Dessa forma, sem a institucionalização das práticas educacionais pelo ensino brasileiro, apenas iniciativas isoladas têm permitido a presença das mensagens midiáticas na escola brasileira e texto midiático que não vai à escola não se tornará cidadão.

Propomos a análise de alguns motivos que justificam a introdução das práticas educacionais na escola:

- Para alcançar os fins da educação

O artigo segundo da LDB estabelece os fins da educação como sendo: o pleno desenvolvimento do educando como pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Pois bem, para que o educando se desenvolva como pessoa é necessário que ele se perceba como ser social e entenda seu ambiente natural e social, o sistema político, a tecnologia, as artes e os valores em que se fundamenta a sociedade. A mídia é importante regulador desse sistema e entender seu papel é decisivo para o desenvolvimento do educando. Exercer a cidadania também implica em saber usar os meios de comunicação para dialogar, informar, formar, conscientizar e articular pessoas em torno de propostas cidadãs. Quanto à qualificação para o trabalho, para não mencionarmos apenas a valorização da formação geral do candidato que será despertada por um processo educativo motivador voltado à pesquisa, pode-se constatar que quase todos os empregos disponíveis pedem como pré-requisito que o trabalhador esteja apto a lidar com a tecnologia, saiba se comunicar e trabalhar em equipe. Todas essas habilidades podem ser desenvolvidas por meio do processo de produção de textos multimídia na escola.

As diretrizes e bases da educação nacional visam, ainda, estimular o fortalecimento dos vínculos de família, da solidariedade humana e da tolerância. Com esse objetivo, a unidade escolar tem que se manter próxima às famílias dos educandos, criando oportunidades para dialogar com os pais e com a comunidade e mostrar aos mesmos a importância e as implicações da qualidade do relacionamento familiar para a formação do aluno. A possibilidade de expressão coletiva por meio das TIC's nas unidades escolares pode ser uma motivação para que os pais participem mais da comunidade escolar, como pode ser observado na Figura 1.



- Para avaliar, motivar e incluir didaticamente os alunos na produção de textos complexos.

A educomunicação pode ser usada nas escolas, não apenas para leitura crítica das mensagens midiáticas. Há uma segunda dimensão que contempla a alfabetização múltipla dos alunos. Orozco Gómez (In: VEET, 2004, p. 63) a caracteriza como a capacidade de expressão em qualquer das linguagens e meios utilizados, envolvendo a criação escrita, visual, acústica e integral do educando.

Ao navegar pelas linguagens radiofônica, audiovisual e multimídia o estudante envolve-se não somente com o código impresso, mas com a expressão oral e corporal, configurando-se como uma alternativa para inclusão de alunos com dificuldades, o que contribui para a redução do fracasso escolar. Por meio dessas linguagens pode-se trabalhar a auto-estima e despertar a criticidade do educando. De acordo com Barbero (1994, p.20-21), existem benefícios para a elaboração do pensamento na estrutura do discurso audiovisual. Ele considera-o importante veículo para a exploração de temáticas que permitem a interação social, a formação de atitudes, o estímulo à imaginação e à afetividade, permitindo catalisar os novos modos de ver e ouvir, de ler e narrar.

Além disso, para escrever textos multimídia o educando deve inserir-se na cultura da pesquisa. Ele será estimulado a buscar fontes primárias de informação, realizando entrevistas e gravando depoimentos, contudo, para estar apto a realizar entrevistas ele terá que consultar fontes secundárias.

O professor assumirá o papel de gestor do processo de produção textual, indicando temas, fontes, referências, auxiliando a equipe na organização das tarefas. Ele poderá avaliar não só o texto final do seu aluno, mas também o processo percorrido na aquisição e manipulação do conhecimento.

A produção multimídia constitui um percurso intelectual complexo de processamento de saberes em diversas etapas. Em um primeiro momento, efetua-se a pesquisa, faz-se a avaliação, triagem e ordenação de informações. Na sequência, as informações são dispostas em uma sequência lógica, um roteiro que pode utilizar somente o texto impresso, ou combiná-lo a desenhos e grafismos para representar uma narrativa semiodiscursiva. A terceira etapa leva a um trabalho coletivo para a captação e edição do texto multimídia, no qual serão manipulados os substratos dessa linguagem: som, voz, cor, emotividade, expressão corporal, luz, textos impressos, grafismos. Essa complexidade, no entanto, não intimida os alunos, pelo contrário, estimula-os, como



atestam diversas experiências que têm sido realizadas por instituições como o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da USP; o Laboratório de Novas Tecnologias da Faculdade de Educação da UNICAMP e o Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas da Universidade do Sagrado Coração entre outras.

A linguagem midiática, por ser lúdica, é motivadora e desafiante. Babin & Kouloumdjian (1989, p. 96-99) esclarecem que a linguagem audiovisual exercita múltiplas atitudes perceptivas, solicitando a imaginação e a afetividade e favorecendo a reflexão que é ativada por um “movimento irrefletido, sensorial e afetivo que a precede, ao não temer os contatos com o mundo nem a multiplicidade do sentido desses contatos”. Ela trabalha com a inteligência analógica que promove a associação de situações, realidade ou representações muito discordantes para tentar fazer surgir disso hipóteses originais, sendo instrumento de criatividade e invenção. A não utilização da afetividade, da criatividade, da imaginação pode ter como consequência o afastamento dos jovens das teorias abstratas, dos sistemas ideológicos, culminando com o seu desinteresse pelo legado cultural e pelos textos impressos.

- Para educar a partir do repertório do aluno usando conteúdos pontes.

Seguindo-se a recomendação expressa nas palavras de Pfromm Netto (2001, p. 67) “que se ensine sempre a partir do que o aprendiz já sabe”, atenção diferenciada deve ser concedida ao repertório simbólico do aluno, fruto da sua longa exposição à mídia.

Penteado (2002, p. 30-34) propõe um modelo de comunicação escolar colaborativo e construtivo, em substituição ao modelo tradicional de ensino, que conduza à “formação cognitiva, valorativa, atitudinal, procedimental”. Em sua visão o agir comunicacional deve possibilitar a circulação de saberes e reelaborações de qualidade. Para que ele se estabeleça é necessário que emissor e interlocutor compartilhem núcleos semânticos. Na visão bakhtiniana (1979), a palavra é uma espécie de ponte lançada entre locutor e interlocutor, é o território comum entre ambos. O autor ressalta o papel das relações sociais na formação desse campo de trocas comunicacionais, mencionando que “como signo, a palavra é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais” (1979, p.113). Para se por em comunicação com os alunos cabe ao professor identificar tais núcleos que derivarão do senso comum e das representações sociais.



A linguagem midiática exerce um papel de centralidade na vida das crianças e constitui-se um acervo profícuo de temas com núcleo comum a professores e alunos. Tal situação foi comprovada por meio de pesquisa efetuada com professores de escolas públicas de São Paulo, que detectou a existência de “um campo comum de interesses entre os vários membros do universo escolar” (CITELLI, 2000, p.27), gerado pela exposição diária e habitual de professores e alunos, a esses textos veiculados pela mídia.

- Para que o texto tenha vida e seja lido

Produzir textos dialógicos, que ganharão vida ao serem lidos, estimula o aluno. A presença das TIC's no ambiente escolar, permite ampliar o leque de receptores do texto que, tradicionalmente, circula do aluno para o professor, ou quando muito é lido para a sala de aula. Veiculando-o por meio das ferramentas tecnológicas poderão ser criadas situações nas quais ele poderá ser lido por todos na escola. Uma possibilidade é equipar as salas de aulas com caixas de som, *smart boards*⁶ e computadores pessoais. Outra é juntar a turma no pátio e veicular os textos ou postá-los em um *blog* na internet.

Ao olhar para um futuro, não muito distante, podemos entrever os textos multimídia desenvolvidos em uma unidade escolar, integrando um acervo virtual da rede escolar brasileira, atendendo, entre outras, as necessidades do ensino a distância e sendo acessada por qualquer interessado pela internet ou pela rádio e TV digitais.

- Para estimular o dialogismo e a ação coletiva

As TIC's são boas coadjuvantes para a prática da pedagogia da comunicação, instaurando processos dialógicos de gestão participativa na escola e entre esta e a comunidade ao seu entorno. A linguagem audiovisual permite o protagonismo juvenil e o trabalho em equipe, tornando-se uma ferramenta de prática da cidadania. Integra os atores dos sistemas de educação e de ensino ao subsistema escolar. Ao ser ouvida a criança poderá vislumbrar a possibilidade de atuar como agente na transformação própria e da sociedade. A partir dessa perspectiva, professor e aluno poderão tratar o conhecimento como um produto em constante construção.

A seguir uma sugestão para a introdução de fluxos dialógicos que permitam debates de questões entre os membros da unidade escolar, ou mesmo entre a escola e a comunidade. Calendário escolar, eventos, conteúdos curriculares e extracurriculares,

⁶ Telas interativas e ligadas em rede. Mais informações em www.smarttech.com/smartboard.

regras de conduta, formas de sanções a infratores, podem ser decididos coletivamente. Para implantar o sistema é necessária a socialização dos eixos de produção dos veículos de comunicação escolares. Se os líderes da comunidade souberem que a escola é receptiva ao diálogo, poderão procurá-la toda vez que interesses coletivos precisarem ser discutidos. Um exemplo simples é a utilidade pública, suponha que uma residência no entorno da escola seja atingida por um incêndio, o veículo de comunicação escolar pode mobilizar a comunidade para ajudar os membros dessa família. Outro é a campanha para eleição do grêmio estudantil que pode envolver toda a escola, mesmo que ela funcione em três ou mais turnos. Vejamos:

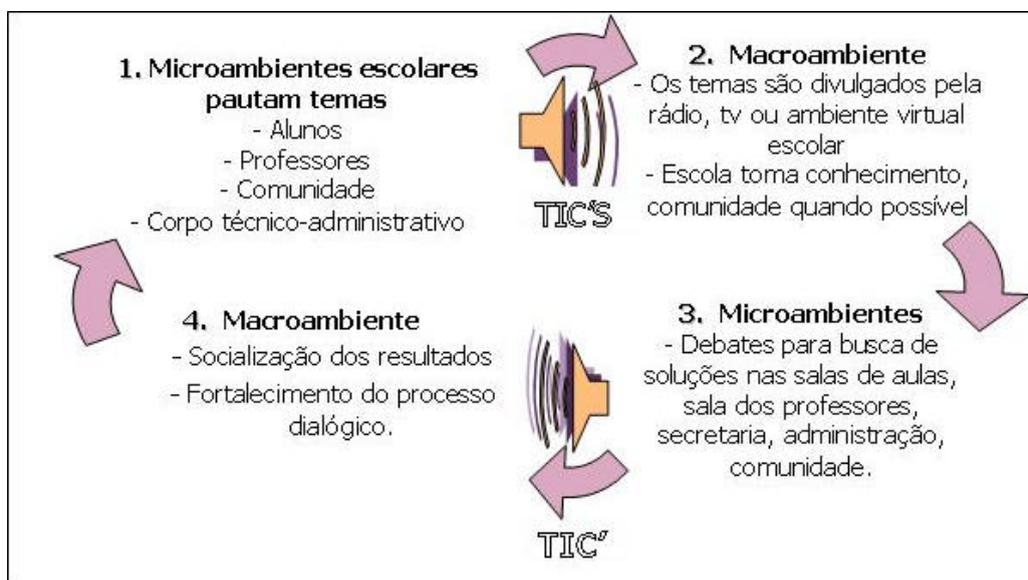


Figura 1. Fluxograma de diálogo escolar.

Como microambientes entendemos as partes que formam um todo, ou seja, qualquer sala de aula, membro da unidade escolar, ou mesmo da comunidade que apresente um assunto de interesse coletivo. Como macroambientes designamos a escola como um todo, ou a comunidade. Além do relacionamento com a comunidade, pode-se ampliar o diálogo para o município quando necessário. Podemos citar um exemplo do que ocorre na EE Francisco Alves Brizola, em Bauru, onde os alunos estão recebendo formação para encaminharem, quando conveniente, *press releases* impressos e radiofônicos para a imprensa e representantes do poder público local. Além disso, a comunicação com o macroambiente, comunidade e município, na unidade é viabilizada por intervenções ao vivo, todos os sábados, em tradicional emissora AM da cidade. A iniciativa pioneira da rádio Auriverde deu voz aos repórteres mirins da equipe da rádio escolar e transmite programas produzidos na escola e chamadas a partir da escola.



- Pela motivação

Analisemos alguns fatos que demonstram a repercussão positiva pela introdução da linguagem radiofônica no cotidiano escolar.

Na E.E. Brizola foi implantada a Radescobri (Rádio Escola Brizola). A emissora mantém programação ininterrupta de 15 horas diárias. Com menos de dois meses de seu funcionamento pode-se observar algumas mudanças de hábitos na escola. Foram instaladas caixas acústicas nos mais diversos ambientes escolares: nas salas administrativas, nas salas de aulas e pátio. A rádio funciona com programação variada. A princípio, algumas manifestações contrárias foram percebidas entre funcionários e professores, porém as resistências foram vencidas ao se notarem resultados. Os alunos, em sala, ficam mais quietos acompanhando a programação musical de fundo e concentram-se mais no que o professor fala. Cada sala dispõe de duas caixinhas de som, instaladas sobre a lousa, isso faz com que os alunos não mais dêem preferência às cadeiras do fundo, sentando mais próximos ao professor. Como não existem caixas de som nos corredores, os alunos optam por permanecer mais tempo em suas salas. O intervalo também conta com música e a escola tornou-se um lugar mais agradável para os alunos. Até a equipe administrativa, que a princípio se mostrou incomodada pelo som, reclamou a ausência da rádio quando uma descarga elétrica tirou a emissora do ar por dois dias.

A emissora tornou-se um importante canal de comunicação em tempo real. Havendo necessidade de divulgar uma mensagem, o emissor dirige-se ao estúdio e consegue-se a comunicação integrada, mobilizando todo o público interno.

Antes de a emissora entrar em operação, os alunos receberam um curso de formação, por isso a programação já conta com programetes e vinhetas produzidas por eles, o que elevou suas auto-estima. Os alunos assumiram uma posição de protagonismo que foi significativa, puderam mostrar sua capacidade, comprometimento e responsabilidade. Um dos alunos do curso de formação, que cursa o ensino médio, foi convidado a estagiar em uma emissora comercial e está tendo a oportunidade de iniciar sua carreira profissional.

O objetivo de inclusão didática foi alcançado, alunos com problemas comportamentais têm hoje notada mudança de atitude, estão interessados e participam das aulas. Entre eles, um em liberdade assistida revela grande talento para a ficção escrevendo radiodramas. Uma aluna que gaguejava com constância, hoje fala



normalmente. Motivada pela vontade de falar ao microfone percebeu que o que fazia era imitar seus pais que gaguejam e entendeu que poderia falar sem gaguejar.

Os professores começam a se envolver nas atividades da emissora, como estratégia da coordenação para que se consiga inserir no Plano Pedagógico atividades com textos radiofônicos e garantir assim, o constante funcionamento da emissora.

Inquietações

O discurso, neste texto, pode soar como um discurso integrado. Convém, porém, ressaltar que muitas inquietações nos tomam de assalto ao observar a introdução das linguagens de agregação na escola.

A simples veiculação de textos midiáticos na escola, sem as devidas análises críticas, não deve ser praticada. Ela nada tem de positivo e em nada se diferencia da recepção que os alunos fazem das mesmas em suas casas. Esta prática coloca o educador e a escola em pé de igualdade com a indústria cultural e reforça o discurso de dominação.

O protagonismo juvenil, por si só, não é capaz de garantir o funcionamento de rádios e tvs escolares, ou de projetos virtuais como *blogs*. Os alunos precisam ser orientados e motivados. Ao permanecerem não assistidos no desenvolvimento dessas atividades, podem reproduzir atitudes praticadas pelas mídias comerciais. Michel Foucault alerta “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (1996, p. 15). A criança e o jovem não fogem à regra, eles tendem a monopolizar o uso dos equipamentos tecnológicos e formar grupos de poder.

Outro ponto de preocupação, ainda, é a sedução da indústria fonográfica que paga pela execução de músicas em rádios comerciais e comunitárias. A rádio escolar não está livre de sofrer assédio e isso pode acontecer sem que ninguém se dê conta, se abordarem diretamente os alunos responsáveis pela programação musical.

Observamos também que quando os alunos não recebem orientação para o desenvolvimento de textos multimídia, sua atenção se volta inteiramente ao entretenimento, todo o processo educativo é relegado.

Para garantir a sobrevivência dos projetos implantados é necessário instituir dispositivos que os amparem. Alguns professores, preparados para operar com essas



linguagens de agregação nas escolas são, no entanto, pressionados pela necessidade de cumprir o currículo e não conseguem desenvolver práticas educacionais. Esse problema só será resolvido a partir do momento em que se incluam, nos planos pedagógicos das unidades escolares, projetos de pesquisa com atividades multidisciplinares que utilizem linguagens multimídia e que possam ser objetos de avaliação do rendimento escolar dos alunos. O desenvolvimento dessas atividades como extracurriculares, também só dá resultados quando são institucionalizadas e coordenadas por membros da equipe, como professores readaptados ou POIEs⁷.

Por fim, por acreditarmos na formação de uma rede de trocas de textos multimídia educativos desenvolvidos pelas próprias escolas, é conveniente lembrar a necessidade do respeito à propriedade intelectual e ao uso de voz e imagem. As escolas devem inculcar a cultura da ética em sua prática de produção. As licenças *Creative Commons*⁸ são boas alternativas, permitem o registro de direitos autorais de uma forma extremamente simples e definindo, inclusive, níveis de permissibilidade de uso e edição de cada texto.

Considerações finais

A educação pretende formar cidadãos aptos a leitura crítica da mídia para se defenderem de suas mensagens manipuladoras. O texto midiático submetido à avaliação crítica poderá tornar-se um texto cidadão. Tal fato ocorrerá quando os cidadãos brasileiros forem alfabetizados para a mídia, adquirindo cinco aptidões básicas, sendo capazes de:

- 1) separar fato de ficção, identificando diferentes graus de realismo; 2) entender os mecanismos de produção e distribuição que resultam nos sistemas através dos quais as emissoras comerciais sobrevivem com a venda de espaços de publicidade; 3) distinguir uma reportagem da mera defesa de pontos de vista, comparar padrões de apresentação de evidências e reconhecer mensagens comerciais embutidas na programação; 4) explicar e justificar as escolhas de assistir os programas e veículos de comunicação, apresentando opções ponderadas e distância crítica (LIVINGSTONE E THUMIN apud ROTHBERG E SIQUEIRA, 2005, p. 138-139).

⁷ Título dado ao professor orientador de informática educativa na Rede Municipal de Ensino no município de São Paulo.

⁸ Para saber mais consulte www.creativecommons.org.br



Essas aptidões devem ser exercitadas por professores e alunos em sala de aula. Seu desenvolvimento permitirá que a comunicação midiática interfira menos no trabalho dos educadores. Dessa forma, educadores conscientes de seu potencial para transformar o *status quo*, colaborarão para que o ensino brasileiro alcance seus objetivos. Os educandos terão assegurados não só a formação básica comum, mas também, o despertar da consciência crítica que conduz a emancipação e exercício da cidadania plena, como prevê o artigo 22 da LDB.

O uso das linguagens midiáticas está demasiadamente conectado ao mundo do entretenimento culturalmente pobre, o que costuma repelí-las do ambiente formal de educação. A integração da educação para a mídia às práticas escolares e a apropriação dos substratos da linguagem multimídia para a produção textual devem permear novas formas e novas estratégias para educar, uma vez que os modelos utilizados contemporaneamente, têm se mostrado ineficazes e inadequados em diversos aspectos. Cremos que se a instituição escolar incentivar os alunos a se apropriarem da linguagem multimídia como estratégia de ensino-aprendizagem, orientando-os nesse processo, um grande passo será dado para a derrubada de paradigmas culturais que afastam os cidadãos do papel que poderiam exercer na regulação das mensagens midiáticas.

Constatamos que alternativas dialógicas só podem ser realmente adotadas ao abandonarem-se os paradigmas culturais e questionar o senso comum. Ao implantar a programação educativa da emissora de educativa da Universidade do Sagrado Coração, em Bauru (SP), observamos o quanto o jovem adulto está condicionado à reprodutibilidade desses paradigmas. Esses o impedem de vislumbrar alternativas cidadãs para a mídia. Por isso, é necessário investir na formação da criança. Quando os adultos compreenderem que é possível a socialização dos eixos de produção das mídias, irão reconhecer-se como sujeitos autônomos, que podem falar e tomar decisões coletivas, capazes de estabelecer fluxos circulares e debates comunitários para intervenções em suas comunidades.

Não tivemos a pretensão de esgotar as potencialidades oferecidas pela manipulação dos substratos da linguagem multimídia como manifestação textual. Cremos que os argumentos apresentados, e outros mais, podem justificar sua presença nas instituições escolares como veículo para a manifestação do raciocínio crítico, construtivo e, principalmente, para a atuação colaborativa que prepara crianças e jovens para o exercício da cidadania.

